

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PRÁXIS FORMATIVA E POLÍTICA: o trabalho coletivo do GEPPEHER/UEMS na construção do I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais

1. INTRODUÇÃO

A expansão das discussões acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no interior das universidades públicas brasileiras tem se constituído como um dos desafios centrais da educação contemporânea, especialmente diante da permanência de profundas desigualdades sociais, raciais e epistemológicas que atravessam historicamente os processos formativos. Embora os avanços legislativos das últimas décadas tenham consolidado importantes marcos normativos voltados à promoção da educação antirracista, a efetivação dessas políticas ainda encontra limites estruturais relacionados à organização curricular, à formação docente e às próprias dinâmicas institucionais de produção do conhecimento. Nesse contexto, a extensão universitária assume papel estratégico ao possibilitar a construção de práticas formativas comprometidas com o diálogo entre universidade, escola e território, fortalecendo experiências coletivas de produção de saberes socialmente referenciados.

Mais do que atividade complementar às funções de ensino e pesquisa, a extensão universitária tem sido compreendida como dimensão constitutiva da universidade pública, sobretudo quando orientada por princípios democráticos, participativos e socialmente comprometidos. Tal perspectiva aproxima-se da compreensão freireana de educação como prática de liberdade, na medida em que reconhece os sujeitos historicamente marginalizados como produtores legítimos de conhecimento, cultura e memória. Assim, pensar a extensão universitária na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais implica reconhecer sua potência política na construção de processos formativos antirracistas capazes de tensionar epistemologias hegemônicas ainda fortemente presentes no espaço acadêmico.



É nesse horizonte que se insere a experiência do I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais do GEPPEHER/UEMS, concebido como espaço de formação, mobilização política e articulação coletiva entre universidade pública, redes de ensino, movimentos sociais, pesquisadores, estudantes e comunidades. Organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação e Relações Raciais (GEPPEHER), vinculado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o evento constituiu-se como experiência extensionista voltada à ampliação do debate sobre educação antirracista, justiça curricular e valorização das epistemologias negras, indígenas e periféricas no contexto educacional brasileiro.

A problemática que orienta este estudo parte da seguinte indagação: de que maneira a organização coletiva de eventos extensionistas no âmbito da universidade pública pode contribuir para a consolidação de práticas formativas comprometidas com o enfrentamento do racismo estrutural e com a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais? A questão torna-se particularmente relevante diante das persistentes dificuldades encontradas pelas instituições educacionais brasileiras na efetivação de políticas curriculares capazes de promover o reconhecimento das histórias, culturas, identidades e produções intelectuais afro-brasileiras, africanas e indígenas nos diferentes níveis de ensino.

A programação do evento foi construída a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dialógica, contemplando mesas-redondas, oficinas pedagógicas, apresentações culturais, painéis institucionais, comunicações orais e rodas de conversa. Essa organização permitiu a circulação de experiências formativas oriundas de diferentes contextos educativos, favorecendo a interlocução entre educação básica, educação superior e movimentos sociais. Nesse sentido, o simpósio ultrapassou a dimensão tradicional de evento acadêmico centrado exclusivamente na socialização de pesquisas, constituindo-se como território de escuta, acolhimento e construção coletiva de conhecimentos atravessados pelas memórias, ancestralidades e experiências de resistência das populações historicamente subalternizadas.



As rodas de conversa realizadas ao longo da programação revelaram, ainda, a dimensão ética e humanizadora da experiência extensionista. Os relatos compartilhados pelos participantes evidenciaram os impactos subjetivos e institucionais produzidos pelo racismo nas trajetórias escolares e universitárias de estudantes negros e indígenas, reafirmando que a construção de uma educação antirracista demanda não apenas alterações curriculares, mas também a produção de ambientes educativos comprometidos com o reconhecimento da dignidade humana, da diversidade cultural e do direito à diferença. As narrativas apresentadas fortaleceram a compreensão de que o pertencimento étnico-racial e a valorização das ancestralidades constituem elementos fundamentais para a democratização da universidade pública e para a consolidação de práticas educativas socialmente referenciadas.

As discussões desenvolvidas durante o simpósio também reafirmaram a centralidade das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 enquanto marcos legais fundamentais para a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais na educação básica e superior. Contudo, os debates evidenciaram que a efetivação dessas legislações ainda enfrenta obstáculos relacionados à insuficiência de políticas de formação continuada, à carência de materiais didático-pedagógicos adequados e às resistências institucionais que permanecem presentes em muitos sistemas de ensino e espaços universitários. Tais desafios revelam que a implementação da ERER exige investimentos permanentes em processos formativos críticos, interdisciplinares e coletivamente construídos.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-analítica, fundamentada nos pressupostos da pesquisa participante e da sistematização de experiências, compreendendo a extensão universitária como espaço legítimo de produção de conhecimento, formação política e construção coletiva de saberes. Tal perspectiva metodológica mostrou-se pertinente ao objeto investigado na medida em que o foco analítico não se restringe à descrição de um evento acadêmico, mas busca compreender os



sentidos formativos, institucionais e políticos produzidos a partir da organização coletiva do I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais do GEPPEHER/UEMS.

A opção pela abordagem qualitativa fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos educacionais são atravessados por dimensões históricas, culturais, simbólicas e subjetivas que não podem ser apreendidas exclusivamente por procedimentos quantitativos. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, crenças, valores, percepções e relações humanas, permitindo compreender processos sociais complexos inscritos em determinadas realidades históricas. Nesse sentido, a investigação buscou interpretar os movimentos organizativos, as experiências formativas e as dinâmicas coletivas produzidas no processo de construção do simpósio, considerando os sujeitos envolvidos como protagonistas da experiência analisada.

Do ponto de vista metodológico, o estudo aproxima-se dos referenciais da pesquisa participante, especialmente por compreender que a produção do conhecimento ocorre em diálogo com os sujeitos implicados na realidade investigada. Tal perspectiva rompe com modelos tradicionais de pesquisa marcados pela separação entre pesquisador e objeto, reconhecendo a dimensão política da investigação científica e a centralidade da participação coletiva nos processos de análise da realidade social. Brandão (2006) destaca que a pesquisa participante constitui uma prática investigativa comprometida com a transformação social, articulando produção de conhecimento, participação comunitária e emancipação dos sujeitos historicamente marginalizados.

A construção do estudo também dialoga com os pressupostos da sistematização de experiências, entendida como movimento analítico de interpretação crítica das práticas sociais e educativas produzidas em contextos concretos. Segundo Holliday (2006), sistematizar experiências não significa apenas narrar acontecimentos, mas produzir reflexão crítica sobre os processos vivenciados, seus sentidos políticos, suas contradições e seus impactos formativos. Nessa perspectiva, o I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais foi compreendido não apenas como atividade acadêmica pontual, mas como experiência

extensionista construída coletivamente no interior da universidade pública e atravessada por processos de formação, mobilização política e articulação entre diferentes sujeitos e instituições.

O percurso metodológico foi desenvolvido em diferentes etapas articuladas entre si. Inicialmente, realizou-se levantamento documental relacionado à organização do evento, incluindo editais, cartas de apresentação, materiais de divulgação, formulários de inscrição, programação oficial, registros institucionais, documentos orientadores da comissão organizadora e produções acadêmicas vinculadas ao simpósio. Esses materiais possibilitaram compreender a estrutura organizativa do evento, seus objetivos formativos, os princípios políticos que orientaram sua construção e os mecanismos institucionais mobilizados para sua realização.

Posteriormente, foram analisadas as atividades desenvolvidas durante a programação do simpósio, compreendendo mesas-redondas, oficinas pedagógicas, painéis temáticos, apresentações culturais, rodas de conversa e sessões de comunicação oral. A observação dessas atividades ocorreu de maneira participante, considerando que os pesquisadores integraram diretamente os processos de organização, mediação e desenvolvimento do evento. Tal inserção permitiu acompanhar os movimentos de construção coletiva, as interações estabelecidas entre os participantes e os debates produzidos acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais no contexto da universidade pública e da educação básica.

As rodas de conversa e os momentos de diálogo coletivo assumiram especial relevância no processo investigativo, pois possibilitaram identificar percepções, experiências e reflexões produzidas pelos participantes acerca do racismo estrutural, das práticas pedagógicas antirracistas e dos desafios relacionados à implementação da ERER nos espaços educativos. As narrativas compartilhadas foram compreendidas como importantes fontes de produção de conhecimento, especialmente por evidenciarem experiências historicamente silenciadas nos espaços acadêmicos tradicionais. Conforme destaca Freire (1996), a construção do



conhecimento exige diálogo, escuta sensível e reconhecimento dos sujeitos como portadores de saberes produzidos em suas trajetórias sociais e culturais.

Além da observação participante, o estudo utilizou registros produzidos ao longo da organização do simpósio, tais como atas de reuniões, planejamentos coletivos, relatórios internos, trocas institucionais e registros fotográficos das atividades desenvolvidas. Esses materiais contribuíram para a compreensão das dinâmicas de trabalho coletivo mobilizadas pelo GEPPEHER/UEMS, evidenciando os processos de articulação entre universidade, redes de ensino, movimentos sociais e demais instituições envolvidas na construção do evento.

A análise dos dados ocorreu por meio da interpretação temática dos conteúdos produzidos ao longo da experiência investigada, buscando identificar categorias recorrentes relacionadas à formação antirracista, extensão universitária, trabalho coletivo, democratização da universidade pública e articulação entre universidade, escola e território. A interpretação dos materiais foi realizada à luz de referenciais teóricos da Educação das Relações Étnico-Raciais, da educação popular, da extensão universitária crítica e dos estudos sobre racismo estrutural, possibilitando o diálogo entre empiria e produção acadêmica.

Do ponto de vista ético, a pesquisa respeitou os princípios relacionados à valorização da dignidade humana, do reconhecimento das identidades culturais e da preservação das narrativas compartilhadas pelos participantes. Considerando que grande parte das reflexões emergiu de espaços coletivos de diálogo e partilha de experiências, buscou-se preservar a dimensão ética das falas e evitar exposições individualizadas que pudessem comprometer os sujeitos envolvidos. O estudo também reconhece que a produção do conhecimento em pesquisas relacionadas à Educação das Relações Étnico-Raciais exige responsabilidade política e compromisso ético com o enfrentamento das desigualdades historicamente produzidas na sociedade brasileira.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu compreender o I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais do GEPPEHER/UEMS como experiência



extensionista, formativa e política construída coletivamente no interior da universidade pública. Mais do que descrever ações desenvolvidas, o percurso metodológico buscou interpretar criticamente os sentidos produzidos pela experiência, evidenciando a extensão universitária como prática comprometida com a democratização do conhecimento, com a valorização das epistemologias negras e indígenas e com a consolidação de processos formativos antirracistas socialmente referenciados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As reflexões produzidas ao longo do simpósio evidenciaram que o racismo estrutural continua incidindo diretamente sobre os currículos, as práticas pedagógicas, os referenciais teóricos legitimados e os modos de circulação do conhecimento científico. Em diversos momentos das mesas temáticas, oficinas e rodas de diálogo, foram problematizadas as permanências de matrizes eurocentradas nos processos formativos, bem como os mecanismos institucionais responsáveis pela invisibilização histórica de saberes produzidos por populações negras, indígenas e tradicionais. Tal debate aproxima-se das análises de Kabengele Munanga (2020), ao defender que o enfrentamento do racismo não se restringe à dimensão comportamental, exigindo transformações estruturais nas formas de organização social, cultural e educacional que sustentam a desigualdade racial no Brasil.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que o I Simpósio de Educação das Relações Étnico-Raciais constituiu importante experiência político-pedagógica de fortalecimento da educação antirracista no contexto universitário. O evento possibilitou a ampliação de redes de colaboração, a valorização de saberes historicamente invisibilizados e o fortalecimento de práticas formativas comprometidas com a justiça curricular e a equidade racial. Além disso, reafirmou a importância da universidade pública como espaço de produção coletiva do conhecimento, diálogo democrático e enfrentamento das desigualdades estruturais presentes na sociedade



brasileira.

A experiência analisada demonstra que eventos científicos organizados coletivamente podem contribuir significativamente para a construção de processos formativos mais democráticos, inclusivos e comprometidos com a transformação social. Nesse sentido, a realização do simpósio ultrapassou os limites de um encontro acadêmico convencional, consolidando-se como espaço de reexistência pedagógica, valorização das diferenças e fortalecimento da luta antirracista no interior da universidade pública brasileira.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.